

Na casa de Neruda

Paulo Gadelha
desembargador federal do TRF da 5ª
Região

No mês de outubro, logo após as eleições em primeiro turno, em férias, e, na companhia da esposa Cecília e da filha Raíssa, visitei o Chile, a pérola sul-americana do Oceano Pacífico.

Queria testemunhar o que de dizia de Santiago, a bela, moderna, dinâmica, trepidante e civilizada capital da pátria do grande e eternamente lembrado poeta Pablo Neruda.

Lugar-comum à parte, ou metáfora de lado, o Chile é, inquestionavelmente, a mais bem organizada economia da América do Sul.

Cresceu – e a esta altura pouco importando o seu modelo político – porque investiu com visão, planejamento e espírito público num segmento indispensável à demarcação econômica: a educação.

Há vagas sobrando nas escolas públicas dos cursos de primeiro e segundo graus, sem esquecer o grande número de universidades por todo o país, lembrando ser – e é o óbvio ululante – o território onde se bebe o melhor vinho do mundo, produto do qual o Chile é um dos maiores exportadores.

É, por outro lado, grande produtor mundial de frutas, não esquecendo, por outro lado, a segura administração com que cuida da sua política de minérios.

Depois, ressalte-se, se o Chile não fosse o que é, já se bastava por um toque que lhe orna a alma, a emoção e a história: é o chão sagrado que viu nascer Pablo Neruda.

Por isso, cumpri, logo que cheguei a Santiago, o dever de casa que o destino me reservara: visitar a casa do autor de “Vinte poemas amor e uma canção desesperada”.

Chovia muito, o que, por coincidência, dava uma atmosfera mais nostálgica à visita, já que Neruda, todos sabem, era “um passageiro da chuva”.

Gostava de ver o Chile molhado.

Visitei, com a alegria de uma criança que ganha o presente que pedira a Papai Noel, a casa de Pablo Neruda.

E vi, confesso que vi, uma paisagem brasileira.

Lá estavam, expostos à visita pública, textos de Neruda sobre Burle Marx, escultura de Oscar Niemeyer, fotografias de Vinícius de Moraes, e o quarto onde costumeiramente se hospedava Jorge Amado, amigo e compadre do criador do “Livro das perguntas”.

Assim, vendo aquele solar carregado de saudades e emoções, lembrei-me de Mauro Mota, outro mostro sagrado da poesia das Américas, quando no poema – “Mudança” – sonetiza sublime: “A casa inverte a missão domiciliar, sai da rua. A casa agora no antigo habitante”.

Pablo Neruda, cidadão do mundo, Nobel da Paz em 1971, merece ser citado como homenagem à sua poética, feita de amor e liberdade, quando, no “Livro das perguntas”, indaga: “Como se chama uma flor que voa de pássaro em pássaro?”

Ou quando no livro – “Vinte poemas de amor e uma canção desesperada” – sonetiza em castelhano castiço: “Es la mañana llena de tempestad en el corazón del verano”.

Um poeta completo. Um patrimônio mundial da literatura.